O Tempo que o Arroz Pede



O Tempo que o Arroz Pede

.

K I Y O M I A R A K A W A

Kiyomi Arakawa
O Tempo que o Arroz Pede

ISBN 9789403959405

Design da capa: Lumina

© 2026 Kiyomi Arakawa. Todos os direitos reservados.

Primeira edição, 2026

Lumina
Publicado por Bookmundo

P A R T E I

.

Antes da floração: o frio

1

A bola de cedro

.

HARUKA OLHOU PARA cima antes de olhar para o resto. Foi assim que, ainda com a mão pousada na janela do táxi e as moedas na palma, viu a bola de cedro antes de perceber que não vinha ninguém.

Pendia do beiral, ao fundo do caminho de cascalho, por cima da porta da casa: uma esfera de ramos presos uns aos outros, do tamanho de uma cabeça, atada a um cordel que o vento fazia girar devagar. Já não era verde. Tinha a cor do chá que fica esquecido no bule, e as agulhas secas tocavam-se com um som de papel. Haruka não sabia há quanto tempo estava ali aquela. Não sabia se alguém ainda olhava para ela.

— São quatro mil trezentos e quarenta — disse o motorista.

Ela sabia. Tinha trocado uma nota na máquina da estação para ter as moedas certas, e contou-as na palma, uma a uma, duas vezes, antes de as entregar. O homem recebeu-as sem as conferir. Depois, com a gentileza de quem faz a pergunta por hábito, estendeu-lhe um bloco.

— Quer recibo?

— Quero, sim.

A mão já estava a caminho. Era um gesto de oito anos de reembolsos, de folhas de cálculo, de uma mulher do departamento financeiro que dizia *deixe-me ver o comprovativo* com a mesma naturalidade com que outros dizem bom dia.

— Em nome de…?

Abriu a boca. A empresa tinha um nome de quatro sílabas que ela dizia ao telefone sem pensar. Esteve a meio segundo de o dizer.

— Deixe em branco.

— Ponho *uesama*, então.

Era o que se punha quando ninguém dava nome: dois carateres de cortesia que serviam a toda a gente e não diziam ninguém. Haruka tinha-os visto em centenas de recibos, agrafados a centenas de folhas, e nunca lhe passara pela cabeça que um dia seria ela a pedi-los.

Ele preencheu a data, arrancou a folha. Haruka guardou-a na carteira, no sítio dos recibos, com o cuidado de quem ainda guarda recibos. Na carteira

havia menos notas do que em Tóquio. Fez a conta sem querer, não em ienes, mas em semanas, e fechou o fecho.

A estrada que trouxera o táxi desde a estação subia o vale em curvas, ao lado de um rio baixo e escuro, e ela fizera-a quase toda de olhos no telemóvel, sem ler nada. Agora, com o carro parado, as imagens voltavam-lhe por ordem, como se tivessem estado à espera. Os campos acabados de ceifar, cor de palha, com o restolho em fiadas direitas. O arroz posto a secar em varas, de cabeça para baixo, em filas tão compridas que desapareciam na curva. Caquis pendurados em cordas, ao beiral das casas, em cachos de dez e doze, de um laranja que não pertencia a nenhuma outra coisa daquela paisagem. Uma loja de ferragens com a persiana descida e o letreiro desbotado. Uma paragem de autocarro com três horários por dia, um deles riscado à mão. A escola primária, com o portão fechado a cadeado e um baloiço a oscilar sozinho. Quando abrira uns dedos a janela para pagar, o ar tinha um frio limpo e metálico que ela já não conhecia, o frio de uma terra onde a noite desce com autoridade.

O motorista saiu para abrir a mala. Era um homem de uns sessenta anos, com luvas brancas e a nuca vincada, e tinha-a trazido desde a estação sem dizer mais do que o necessário, o que ela agradecera. Agora, de pé ao lado da mala aberta, pareceu decidir que o silêncio já tinha durado o suficiente.

— Fez bem em vir. Toda a gente sentiu o que aconteceu ao patrão. E a Fuyumi-san anda com tudo às costas, sozinha, e agora, com o pátio como está…

Calou-se. Olhou para a mala, como se ela tivesse dito alguma coisa.

— Este ano choveu pouco — disse. — Para o arroz foi bom.

— Foi bom — concordou Haruka.

Ele tirou-lhe a mala do porta-bagagens, pousou-a no chão com as duas mãos, inclinou-se. Entrou no carro e foi-se embora devagar, em marcha atrás até ao largo, e o motor perdeu-se na estrada de baixo.

Do largo via-se tudo, e pela primeira vez em muitos anos Haruka olhou para a propriedade como se fosse de outra pessoa. O caminho de cascalho subia em linha reta até à casa, que era comprida e baixa, de madeira escurecida, com o beiral largo e a porta ao centro. Colada ao seu flanco direito, mais alta e mais escura, erguia-se a cervejaria propriamente dita, com um telhado de duas águas e, na cumeeira, uma pequena chaminé de ripas de onde saía, em vez de fumo, um vapor pálido que o vento desfazia. Por trás de uma e de outra, escondido pelo ângulo que as duas formavam, ficava o pátio. Ela sabia-o sem o ver, como se sabe onde está a mão no escuro.

Depois já só havia o vento, a bola a ranger no cordel e, do lado do telhado alto, um sopro grosso e regular, como de um animal grande a respirar.

Era o vapor. Reconheceu-o antes de o cheirar. E logo a seguir cheirou-o.

Arroz a cozer, primeiro, o cheiro doce e húmido, quase de pão, que lhe ficara na roupa de criança e que ela nunca conseguira explicar a ninguém em Tóquio. Madeira molhada, das paredes, do chão, de tudo o que o vapor toca todos os dias há cento e quarenta anos. E por baixo desses dois, mais fino e mais agudo, outra coisa: madeira cortada. Madeira nova, resinosa, daquela que ainda não teve tempo de se cansar.

Disse a si mesma que eram as cubas. Mas as cubas cheiravam a coisa velha e bem tratada, e aquilo cheirava a serra.

Pegou na mala e atravessou o cascalho.

Levava os sapatos de Tóquio: pretos, de bico fino, comprados para reuniões em que os sapatos contavam. O cascalho cobriu-os de pó branco em seis passos. A mala, que era grande demais para um fim de semana e pequena demais para tudo o resto, tinha rodas pensadas para pavimento e protestava a cada pedra, de modo que Haruka anunciou a sua chegada a toda a propriedade com um ruído de gruta. Ninguém apareceu.

A porta de correr estava aberta uns dois palmos, o suficiente para entrar sem ter sido convidada. Entrou. O degrau do vestíbulo, a pedra lisa do chão, uma fila de botas de borracha encostadas à parede, todas viradas para fora, como se estivessem prontas a sair a correr. Cheirava a lixívia e a água fria.

— Cheguei — disse, para o corredor vazio, na fórmula de sempre.

A fórmula pedia uma resposta. A casa tinha uma resposta para ela, desde que Haruka sabia falar, e ela esperou-a ali, de pé, com a mala na mão e o pó branco nos sapatos, o tempo que o corpo achou razoável e depois mais um bocado. Do corredor veio o tique de um relógio, o sopro do vapor e nada mais.

Tirou os sapatos. Pousou-os virados para a porta, com o bico para fora, sem pensar, como o corpo ainda sabia fazer. Só depois, ao endireitar-se, reparou que procurava, sem ter decidido procurar, o estrado onde se arrumavam os chinelos da família. Havia chinelos de todos os tamanhos. Os dela não estavam. Nunca tinha pensado que estivessem, e ficou surpreendida por a incomodar.

— Haruka-san?

Apareceu um rapaz no fundo do corredor, de roupa branca de trabalho e botas, com um pano atado na cabeça e as mãos ainda a pingar. Teria vinte e dois anos, ou menos. Dobrou-se ao meio, mais do que a ocasião pedia, e Haruka percebeu, ao ver como a dobra lhe saía um pouco tarde, que era a dobra de quem a tinha ensaiado.

— Peço desculpa. Não ouvi o portão. Sou o Daichi.

— Não tinha de ouvir. Cheguei eu.

— Sim. — Olhou para os pés dela, de meias, no chão frio, e o desconforto cresceu-lhe na cara com uma rapidez quase tocante. — Os chinelos. Um momento.

Foi a um cesto junto à parede e voltou com um par de chinelos de pano azul, daqueles que se guardam para as visitas. Pousou-os diante dela com as duas mãos. Haruka enfiou os pés. Cabiam-lhe do dedo ao arco, e o calcanhar ficava de fora, a tocar o chão. Ele viu e olhou para o teto.

— Não faz mal — disse ela.

— Há outros números. No armazém.

— Não faz mal.

Ele ainda tentou levar-lhe a mala, e ela ainda tentou impedi-lo, mas já a tinha levantado e Haruka percebeu que discutir seria pior do que ceder. Cedeu. Foram os dois pelo corredor, ele à frente, ela atrás, e o ruído que os chinelos faziam no soalho, com os calcanhares de fora, era o de uma visita que ainda não sabe se é bem-vinda.

— A Fuyumi-san pediu que a levasse ao armazém — disse ele, sem se virar. — Está a meio de uma leitura. Não pode largar.

— A meio de quê?

— De uma leitura.

Não acrescentou mais, e ela não insistiu. Era claramente uma resposta que lhe tinham ensinado a dar. Reparou no modo como ele dizia *Fuyumi-san*, a facilidade de quem o diz todos os dias desde que chegou, e no modo como lhe dissera a ela *Haruka-san*, com o cuidado de quem aprendeu o nome há pouco, de um papel, e o repetiu à porta para não falhar.

A casa era a mesma e estava diferente. O corredor tinha o brilho de quem o encera sempre e de quem já não tem tempo de o fazer, os caixilhos limpos e o fundo dos rodapés cinzento. Do lado esquerdo, onde o corredor dava para o pátio, os painéis de papel estavam todos corridos, de ponta a ponta. Naquela casa ninguém os fechava assim antes de escurecer. Haruka registou-o e não perguntou.

A meio, uma porta de papel estava entreaberta, a da sala dos fundos. Haruka olhou sem querer. Uma moldura numa prateleira baixa, com um rosto que ela não ia olhar agora, e diante dela uma chávena de chá com o fio de vapor ainda a subir. Alguém fazia aquilo todas as manhãs, ou todas as horas. Não era preciso perguntar quem.

Passou à frente e não abrandou.

À medida que avançavam, o ar mudava. Ficava mais quente, mais pesado, mais cheio. Ao fundo do corredor havia uma porta larga, de madeira escura, e Daichi abriu-a com o ombro porque tinha as mãos ocupadas com a mala.

O vapor veio ao encontro dela como uma pessoa. Atravessou-lhe o casaco, o cabelo, a pele do rosto, e depois, quando os olhos se habituaram, viu o armazém: o teto alto de vigas pretas, as cubas enormes alinhadas em duas filas, um tanque de aço no centro, a água a correr num canal de pedra, um motor a arrastar-se algures. As janelas altas já só deixavam passar um cinzento de fim de tarde, e as lâmpadas, penduradas de fios compridos, tinham sido acesas antes do tempo.

Havia sacos de ráfia empilhados junto à parede da direita, até à altura do peito, cada um com a sua etiqueta de papel. Ao fundo, três homens: dois a passar panos molhados pelo exterior de uma cuba, e o terceiro dentro dela, de cócoras, de que só se viam as botas. À direita, uma segunda porta, fechada, de onde o vapor vinha por baixo e pelas frinchas. Atrás dela ficava a casa do vapor e, depois, a sala do fermento, e Haruka lembrava-se dessa última como se lembra uma coisa a que só se chegava de mãos lavadas.

Não era ainda a safra. Faltavam nove dias para haver arroz que valesse a pena. Era o ensaio: antes de cada safra a casa cozia uma fornada pequena, sem destino, só para ver se a caldeira aguentava, se as tubagens não fugiam, se os braços se lembravam do peso. O pai chamava-lhe acordar a casa. Ela tinha-o ouvido dizer isto tantas vezes que lhe custou perceber que continuava a ouvi-lo.

E havia, junto à parede do lado esquerdo, de costas, uma mulher a escrever num quadro de madeira preso a uma tábua.

Estava de roupa branca, como o rapaz, e tinha o cabelo preso debaixo de um pano. Era mais magra do que Haruka se lembrava e, ao mesmo tempo, mais larga dos ombros, e isso, que lhe pareceu primeiro uma contradição, percebeu logo que era trabalho. O antebraço, onde a manga estava arregaçada, tinha uma marca de queimadura antiga, rosada, do tamanho de uma moeda. Haruka não sabia quando fora feita. Podia ter sido nesse ano; podia ter sido há quinze. Não havia ninguém a quem perguntar sem que fosse a própria dona da marca.

A mão escrevia números numa coluna, devagar, um por linha. Um homem de pé junto aos sacos erguia a etiqueta de cada um e dizia em voz alta o peso, outro repetia-o, e ela escrevia. Era isso, então, a leitura. Quando Daichi falou, o homem dos sacos ficou com a etiqueta no ar e a boca aberta a meio de um número, à espera.

— A Haruka-san chegou — disse Daichi.

— Ouvi.

Fuyumi não se virou. Terminou a linha. Haruka contou, sem querer, três segundos, talvez quatro. Depois a irmã pousou o lápis na tábua, passou o polegar pelo canto da página para a alisar, e só então olhou.

Olhou-a uma vez, de alto a baixo, sem pressa: o casaco de cidade, o cabelo cortado num sítio caro, a cara de quem dormira mal em comboios. E Haruka sentiu-se avaliada como se avalia um saco que chegou: o peso, a etiqueta, se vem como foi pedido.

— Seis semanas — disse.

— Eu sei.

— Não disse nada.

Haruka quase se riu. Não era uma situação em que fizesse sentido rir, e ela quase se riu na mesma, um espasmo no peito que lhe ficou por dentro. Era a mesma maneira que a irmã tivera aos nove anos de dizer *não fui eu* com a boca cheia de bolo. Mas a cara que a olhava agora já não tinha nove anos. Tinha trinta e sete, e cansaço, e uma pele que o vapor de todos os dias tornara macia e espessa ao mesmo tempo. Não tinha raiva. Isso era o pior. Teria sido mais fácil com raiva.

— Vieste de comboio — disse Fuyumi.

— E de táxi.

— O das duas e dez.

— O das duas e dez.

Fuyumi assentiu, como se uma conta tivesse batido certo. Olhou para a mala, que Daichi pousara junto à porta, e demorou-se nela mais tempo do que o tamanho da mala justificava.

— Vens ficar quanto tempo?

— O que for preciso.

— Isso não é um prazo.

— Não sei qual é o prazo.

— Pois. — Voltou a pegar no lápis. Não o usou.

Haruka esperou a pergunta que se segue: a licença, os dias que pedira, o trabalho que deixara em Tóquio. Não veio. Fuyumi não perguntava aquilo que não queria ouvir responder, e isso Haruka reconheceu como se reconhece uma mania de família.

— A safra começa dentro de nove dias. Digo-te já para ninguém se zangar depois: começa com ou sem ti.

— Eu sei.

— Sabes. — Não era pergunta, nem acusação. Foi dita no tom de quem regista um dado. — Então está tudo bem.

— O que é que posso fazer?

— Nada. Hoje não.

Ficaram assim um momento, as duas, com o vapor entre elas. Um dos homens do fundo tossiu. Haruka tinha ensaiado no comboio uma dúzia de frases, e nenhuma servia agora. A que ela queria dizer não tinha sido ensaiada, e era qualquer coisa como *pergunta-me como estou*, e também não a disse.

— Cheira a madeira — disse em vez disso.

— É uma casa de madeira.

— Madeira cortada, quero dizer.

O lápis parou. Foi um quarto de segundo, talvez menos, e Haruka só o viu porque estava a olhar para a mão e não para a cara. Depois voltou a escrever.

— Aqui há sempre alguma coisa a ser cortada.

Era verdade, provavelmente. Nada naquela frase era mentira. Haruka ficou a olhar para a coluna de números e não percebeu porque é que sentia, mesmo assim, que tinha sido enganada.

— O teu quarto está como estava — continuou Fuyumi, sem levantar os olhos. — A cama está feita. Come primeiro. O Daichi leva-te.

— Eu sei o caminho.

— Sabes.

Haruka não respondeu. Estava a olhar para o fundo do armazém, para uma porta pequena, de madeira clara, na parede dos fundos, junto à última cuba. Era a porta que dava para o pátio. Sempre fora. Quando era pequena, atravessava-a descalça, a correr, a gritar um nome qualquer, e a luz entrava de golpe, de cima, por entre as folhas. Sabia, sem ter feito a conta, de que lado do armazém vinha o vento. Fez dois passos nessa direção sem decidir fazê-lo, de chinelos azuis, com o calcanhar de fora.

— Haruka.

Não era o nome dito alto. Era o nome dito baixo, como se dizia uma ordem a um cão que se gosta. Parou.

E reparou, só então, no que faltava. Aos nove anos, e aos catorze, e até ao dia em que partiu, a irmã nunca lhe dissera o nome sozinho: punha-lhe sempre à frente a palavra que se deve a quem nasceu primeiro. Agora era só o nome, nu como uma etiqueta.

Fuyumi tinha-se virado, afinal. Tinha o quadro de madeira encostado ao peito, o lápis atrás da orelha, e olhava-a com uma expressão que Haruka não conseguiu ler e que ficou a tentar ler durante muito tempo depois.

— Amanhã — disse. — Com luz.

E voltou aos números.

Haruka ficou ainda um instante com a mão a meio caminho. Depois baixou-a. Para sua própria surpresa, obedeceu.

2

O toco

.

DORMIU MAL, E a primeira culpada foi a esteira. Tinha esquecido que um tatami tem opinião. Vinte anos de colchão de molas e de cama alta tinham-lhe ensinado outro modo de se deitar, e a esteira ia desmentindo esse modo de cada vez que ela se virava, junta por junta, com a exatidão de um contabilista a quem se fala de despesas antigas.

O quarto estava como estava. Fuyumi não mentira, e isso era, de certa maneira, pior. A secretária baixa junto à janela, a estante com os manuais de preparação para os exames de admissão, arrumados por altura, as lombadas viradas para fora. Haruka passou o dedo por uma delas e o dedo voltou limpo. Havia pó em toda a casa, nos rodapés, nas cornijas, no alto dos armários, e naquela prateleira não havia. Alguém limpava aquele quarto. Não perguntara quem, porque não era uma pergunta.

Tinha comido na cozinha, na véspera, sozinha, o que lhe puseram à frente: sopa de miso, um peixe pequeno, nabo em conserva, uma tigela de arroz. O arroz era o da casa. Tinha um sabor que ela procurara em vinte anos de arroz de supermercado e de restaurantes caros, e que nunca encontrara, e que agora lhe chegou à boca sem aviso. Mastigou-o devagar, a olhar para a parede, para que ninguém percebesse. Não havia ninguém para perceber. Tinha-lhe passado pela cabeça na mesma.

Depois o telemóvel acendera-se duas vezes sobre a esteira, com um número de Tóquio. Virou-o ao contrário e não olhou mais.

A meio da noite, quando acendeu o aquecedor a petróleo, ele cheirou àquilo que sempre cheirara, um cheiro oleoso e doce e ligeiramente errado, e o cheiro devolveu-lhe a infância inteira de uma só vez, sem pedir licença. Ficou deitada a deixá-lo passar.

Acordou antes de haver luz, porque o corpo ainda tinha a hora da cidade, e depois porque tinha a hora da casa. Do outro lado das paredes o vapor já respirava, mais baixo do que na véspera, mais regular, e por baixo dele corria uma rotina de passos, uma porta que se abria, um balde pousado no chão. A casa levantava-se sem ela. Ficou a ouvi-la como se ouve música noutro andar.

Os passos pararam à porta. Dois toques com os nós dos dedos na moldura de papel, secos, sem hesitação.

— Há luz.

— Já vou.

Demorou-se a ir. A primeira coisa que a mão encontrou foi a camisola das reuniões, e vestir a camisola das reuniões para ver um pátio pareceu-lhe um erro de protocolo; a segunda foi um par de meias grossas que trouxera para o frio de Tóquio e que ficou a olhar com ressentimento, porque o frio de Tóquio era uma maneira de falar. Acabou com as duas coisas postas, mais o casaco, e saiu.

Fuyumi esperava-a no corredor. Já não tinha o pano na cabeça; o cabelo estava preso com um gancho de plástico, e a roupa branca de trabalho trazia um vinco de ferro de passar que Haruka achou absurdo e comovente, uma mulher que passava a ferro a roupa em que se ia sujar. Cheirava a sabão e a vapor. Não disse bom dia. Já tinha começado a correr os painéis.

Fazia-o um a um, da esquerda para a direita, com a palma aberta na moldura, e cada painel que cedia largava no corredor uma fatia de luz mais larga do que a anterior. Eram os mesmos painéis que Haruka vira fechados de ponta a ponta na véspera, num fim de tarde em que ninguém naquela casa os fechava. Percebia agora que não tinham sido fechados por causa do frio. Tinham sido fechados por causa de quem passasse.

Atrás do papel havia vidro, e atrás do vidro uma varanda de madeira, e depois dela o pátio, cinzento e molhado, como uma coisa a ser revelada numa bandeja. Fuyumi abriu o vidro do meio. O frio entrou de golpe, com cheiro a terra e a orvalho e, por baixo, outra vez, a coisa fina e resinosa que Haruka já não tinha maneira de fingir que não era.

Fuyumi desceu os dois degraus de pedra. Havia sandálias de borracha alinhadas no último, e Haruka enfiou umas que lhe serviam, e achou que eram as primeiras coisas que lhe serviam desde que chegara.

O pátio era mais pequeno do que se lembrava. Todos os pátios o são; ela sabia-o, era das primeiras coisas que se aprendiam na idade adulta, que o mundo tinha sido medido por uma criança. Mas aquele era mais pequeno de outra maneira, e levou-lhe um instante a perceber que a diferença vinha de cima. Não havia sombra. Em todas as manhãs da sua infância aquele pátio começara debaixo de um teto de ramos, escuro e fresco, com a luz a descer aos bocados; agora a luz descia inteira, direita, sem obstáculos, e batia na terra batida e nas lajes e na lanterna de pedra com uma crueza de armazém. A lanterna estava onde sempre estivera, ligeiramente torta, com o musgo no lado

norte. Faltava-lhe aquilo que a fazia lanterna: a árvore por cima, a dar-lhe uma razão.

O toco estava no meio.

Era largo. Foi a primeira coisa, antes de todas as outras: era largo como uma mesa baixa, cortado à altura do joelho com uma limpeza de serra que não pedia desculpa. À volta, no chão, havia um círculo de serradura que a chuva escurecera e as vassouras não tinham conseguido apagar. E encostada ao muro, uma pilha de toros rachados que chegava à altura do peito, com as cascas viradas para cima e as pontas à mostra, de um rosa pálido de madeira que ainda não acabou de morrer. Era dali que vinha o cheiro. Fora aquilo que ela cheirara no táxi, no cascalho, no corredor, enquanto dizia a si mesma que eram as cubas.

Alguém empilhara aquela lenha como se arruma o que se respeita. Haruka olhou para ela e não conseguiu parar de olhar: as pontas alinhadas à régua, os toros mais grossos por baixo, os mais finos a assentar por cima, nenhum fora do sítio. Era um trabalho de horas, feito por mãos que sabiam e que não tinham pressa, e não fora feito para ser visto.

— Segurança — disse Fuyumi.

Haruka não se virou.

— Segurança.

— Sim.

— Ninguém me perguntou.

Fuyumi fez uma pausa tão pequena que Haruka a teria perdido se não estivesse à espera dela.

— Não.

Foi tudo. Nenhuma desculpa, nenhuma frase atrás da frase. Haruka tinha preparado a raiva para uma desculpa, e ficou com a raiva na mão e sem sítio onde a pousar.

E ao lado da raiva, mais baixo, vinha outra coisa que reconheceu com má vontade: a pergunta que a contabilista que havia nela fazia sempre antes de aprovar uma despesa. *Com que direito?* Com que direito esperava ter sido consultada, ela que em vinte anos não perguntara por uma cuba, por um turno, por uma safra? Tinha entrado naquela propriedade com um recibo em branco e queria ser atendida como cliente antiga. Pôs a pergunta de lado. Não por ser falsa. Por ser verdadeira de mais para uma hora tão cedo.

Havia uma pergunta a seguir, e sentiu-a formar-se na boca, completa, com o seu contorno: *quem decidiu?* Não a fez. Tinha duas respostas possíveis, e olhou para as duas por dentro, como se olha para dois quartos antes de

escolher qual abrir. Se fora o pai, ele decidira sem lhe dizer nada, e já não havia maneira de discutir com ele. Se fora outra pessoa, havia uma pessoa viva com quem discutir, e ela não queria ainda saber o nome.

— Oito dias — disse Fuyumi, atrás dela. — Come alguma coisa. Está na cozinha.

— Disseste-me ontem que hoje não havia nada para fazer.

— Hoje há o pequeno-almoço.

Fuyumi não se foi embora logo. Aproximou-se do toco, dois passos, e com o punho da manga passou uma vez, devagar, pela superfície do corte, onde o orvalho se juntara numa película. Foi um gesto de nada, de quem limpa uma mesa, e acabou antes de Haruka ter a certeza de que o vira. Depois endireitou-se, meteu as mãos nas mangas e subiu os dois degraus sem olhar para trás.

— Come — disse da varanda. — O toco não foge.

Ouviu-a afastar-se no corredor. Reparou que ela deixara os painéis abertos, todos, de ponta a ponta. Não soube se era uma concessão ou um esquecimento, e teve a sensação de que a própria Fuyumi também não saberia.

Aproximou-se do toco como quem se aproxima de um animal grande deitado. Ajoelhou-se. A madeira estava fria e húmida, e o frio entrou-lhe pelas calças com a pontualidade de uma fatura. Pousou a palma na superfície. Estava lisa onde a serra a deixara lisa e áspera nas margens, e tinha a cor de uma coisa por dentro: um castanho avermelhado no centro, mais claro em volta, uma banda pálida junto à casca, e uma resina escura a verter devagar pelas bordas e a secar em contas cor de âmbar.

Contou os anéis, porque não sabia que outra coisa fazer com as mãos. Eram finos e apertados, mais ainda perto da casca, anos magros seguidos de anos magros. Chegou aos setenta e tal quando a unha escorregou; recomeçou; deu-lhe outro número; recomeçou, e desistiu à terceira, com a sensação de que a árvore tinha mais anos do que ela era capaz de contar e menos do que lhe faziam falta.

No meio, onde o cerne devia ser mais denso, a madeira escurecia numa mancha mole, húmida, do tamanho de um punho. Pressionou-a com o polegar. Cedeu um milímetro. Haruka retirou a mão. Não era preciso saber de árvores para saber que aquilo não era bom sinal, e também não era uma explicação. Uma explicação era uma coisa que se dizia em voz alta, a quem tinha direito a ela.

No dia em que a cerejeira floria — um dia só, o primeiro em que as flores abriam todas ao mesmo tempo, que ninguém marcava no calendário e que a aldeia inteira sabia — a casa abria o portão ao largo e deixava entrar quem

quisesse. Armavam-se mesas compridas no pátio, sobre cavaletes, com toalhas de papel que a brisa teimava em levantar. Servia-se o saquê novo em copos de madeira, e as pétalas caíam nos copos, nas travessas, nos cabelos, nas sopas, e ninguém as tirava, porque naquela casa se achava, e só naquela casa, que tirá-las seria uma descortesia para com a árvore. Haruka só soube em Tóquio que mais ninguém o achava. Haruka tinha oito anos e a obrigação de contar os convidados, que nunca chegava ao fim, porque se perdia sempre ao quinto banco. Fuyumi, que tinha seis, levava bandejas de copos maiores do que as suas mãos e não entornava uma gota, com uma seriedade que fazia rir os homens e a deixava furiosa. O pai, nesse dia, via-se sobretudo de costas, porque toda a gente o queria.

Em Tóquio, todos os anos, em abril, quando os colegas lhe perguntavam de onde era, dizia o nome da aldeia e via por trás dos olhos esta árvore, inteira, com o pátio por baixo, e não dizia mais nada. Nunca contara a ninguém que a imagem existia. Nunca lhe passara pela cabeça que precisasse de a guardar, porque tinha a certeza de que estava guardada: as coisas que se deixam num sítio ficam no sítio, à espera, pensava ela, como pensara dos chinelos.

Não era a árvore. Ou era, mas de outro modo: era o último sítio onde ela soubera como era a casa.

Teve vontade de derrubar a pilha de lenha. Foi uma vontade pequena e clara, de criança, e durou o tempo de olhar para as pontas alinhadas à régua. Alguém passara horas a fazer aquilo, e a zanga, para ser justa, teria de começar por reconhecê-lo. Levantou-se. Sacudiu os joelhos, que não saíram do sítio onde estavam as nódoas.

Foi então que reparou no chão. A terra batida do pátio tinha um desvio. Do degrau da varanda até à porta pequena do armazém ia o caminho que toda a gente fazia, e que sempre fora direito; agora curvava num arco macio e alargado, gasto por semanas de passos, a dar a volta ao toco com uma folga de dois braços. Ninguém o traçara de propósito. O pátio aprendera sozinho a contornar a falta.

A porta do armazém abriu-se e saiu o rapaz com uma pilha de panos brancos dobrados. Viu-a de joelhos sujos e casaco, ao lado do toco, e parou, e a pilha subiu um centímetro, como se quisesse esconder-se atrás de si mesma.

— Haruka-san. Bom dia. A Fuyumi-san disse que… o pequeno-almoço está… — Olhou para a cozinha, para o armazém, para os próprios sapatos. — Quando a árvore…

Calou-se. Fez a vénia mais funda que ela lhe vira, uma vénia que servia para acabar a frase, e depois seguiu pelo arco, a dar a volta ao toco sem lhe olhar, com os panos à frente do peito.

Haruka ficou a vê-lo ir. Era a segunda vez em menos de um dia que alguém começava aquela frase e a deixava cair, e começava a ter a certeza de que não era defeito de educação. Havia um fim para a frase, e toda a gente o sabia, menos ela.

Entrou pela varanda e atravessou o corredor de meias, com as sandálias de borracha na mão. A porta da sala dos fundos estava fechada desta vez, e por baixo do papel passava um fio de incenso, fino, barato, daquele que se compra em maços no supermercado. Haruka abrandou. Não parou: abrandou, que é uma coisa diferente e que o corpo sabe fazer sem consultar ninguém. Tinha uma frase pronta, a que se diz de manhã diante de quem já não responde, e deu consigo a contar os passos até à esquina, quatro, cinco, seis, para não a dizer. Dobrou a esquina com a frase inteira na boca, como se leva um caroço.

A cozinha era a única divisão da casa que não parecia ter perdido nada. Tinha o mesmo balcão de madeira escura, o mesmo fogão de quatro bocas com uma panela de sopa a fazer-se sozinha, o mesmo cheiro a alga e a fumo de lenha de há vinte anos. Numa folha grande, quadriculada, presa à parede com fita-cola, estava a escala da semana, em colunas desenhadas a régua: os nomes dos homens, os turnos, os dias, na letra miúda e direita da irmã. Haruka percorreu-a com os olhos sem querer. Conhecia dois nomes. No fim da última coluna, a lápis, enfiado entre duas linhas como um hóspede sem cama, estava o seu: *Haruka*. Sem turno, sem dia. Alguém o escrevera e apagara e escrevera outra vez; o papel tinha a mancha cinzenta de uma borracha.

Ficou a olhar para aquele nome mais tempo do que a conta justificava.

Depois comeu. A raiva não dispensa o pequeno-almoço, e Haruka, que passara a juventude convencida do contrário, descobriu aos trinta e nove anos que o corpo não negociava. Comeu de pé, ao balcão, arroz frio com uma ameixa em conserva, e bebeu chá demasiado quente, e lavou a chávena e pousou-a de boca para baixo no escorredor, porque a casa assim o pedia, e calçou os chinelos azuis, que continuavam a não lhe servir.

O caminho passava pelo armazém, e o armazém, de manhã, era outra coisa. Na véspera, ao fim da tarde, estivera suspenso, à espera; agora trabalhava. Os três homens do fundo estavam em cima de escadotes, a esfregar o interior das cubas maiores com escovas de cabo comprido e baldes de água a ferver, e o vapor subia-lhes em volta da cabeça como uma auréola mal-humorada. Havia mangueiras no chão, a escorrer para o canal de pedra. Havia

um cheiro novo, de água quente e de coisa limpa, e por baixo dele o mais velho e mais fundo, de madeira que trabalhou durante cem anos sem pedir licença a ninguém.

Quando ela passou, as escovas abrandaram. Não pararam: abrandaram, como o corpo dela diante da sala dos fundos, e depois, um por um, os homens olharam para ela e fizeram o mesmo gesto, uma inclinação curta da cabeça, sem sorriso, de gente que cumprimenta o que não sabe como chamar. O mais velho disse *bom dia* com a boca e *seja bem-vinda* com os olhos, e depois pareceu perceber que havia ali uma palavra mal escolhida e passou a escova com mais zelo. Haruka respondeu a todos. Não sabia o nome de nenhum.

Do lado oposto, atrás de uma porta entreaberta que dava para um gabinete, ouvia-se a voz de Fuyumi ao telefone. Não conseguiu apanhar as palavras, só o tom, baixo e sem pressa, e o que o tom produzia: do outro lado da linha alguém dizia talvez, e Fuyumi dizia não, devagar, sem levantar a voz, até o talvez desistir. Era a primeira vez que Haruka ouvia a irmã mandar, e levou um momento a identificar o que sentia. Não era ciúme. Era a sensação de ver uma pessoa conhecida exercer uma profissão que ela não sabia que tinha.

Se a casa decidia sem ela, ia ver onde é que se decidia. O mestre mandava na sala do fermento, e a sala do fermento ficava ao fundo da casa do vapor, atrás de uma porta que, em criança, ela sabia ser a mais importante de toda a propriedade, porque era a única a que ninguém a deixava chegar. Foi até lá. Só a meio do caminho, com os chinelos a bater-lhe nos calcanhares, percebeu que era a primeira decisão que tomava naquela casa, e que a tomara em zanga.

3

Quem não pode entrar

.

A CASA DO vapor era a divisão mais quente da propriedade e a mais barulhenta, e Haruka atravessou-a sem que ninguém levantasse os olhos.

Reparou nisso à entrada, e depois reparou que reparara, o que é uma maneira de perder tempo. Mas o facto estava ali, sólido como a própria caldeira: a porta que dava do armazém abrira-se-lhe sem pedir nada, e ela entrara no coração do calor, entre homens de calças arregaçadas e antebraços vermelhos, e nenhum deles parou, nenhum disse *não pode*, nenhum a mediu. Era uma sala onde se podia sair escaldado, e deixavam-na passar como se deixa passar uma corrente de ar.

A caldeira ocupava a parede do fundo, um cilindro negro e baixo, com manómetros de mostrador amarelado e uma alavanca do tamanho de um braço, e o rumor que fazia não era de máquina, era de animal que dorme com um olho aberto. Por cima dela, assente num aro de ferro, estava o grande cesto de cozer, de madeira clara, alto como uma criança, atado com aros de bambu que o uso escurecera. Dele subia uma coluna de vapor, direita, até uma abertura no telhado feita de propósito para isso. Dentro, só o fundo de uma fornada de ensaio, arroz cozido para ninguém, cujo cheiro doce e húmido a atingiu em cheio e a obrigou a tirar o casaco. Levou-o ao braço. Debaixo do casaco havia a camisola das reuniões, e debaixo da camisola das reuniões havia uma mulher a suar com convicção.

Nenhum dos homens olhou para isso também. Era uma delicadeza, ou uma indiferença; àquela hora da manhã e àquela temperatura era difícil distinguir.

No fundo da sala havia um corredor estreito de tábuas lavadas, com um ralo ao meio, e no fim dele a porta.

Era uma porta como as outras. Tinha crescido a acreditar que seria maior, e era só mais grossa: madeira escura, dobradiças de ferro, uma soleira alta para não deixar passar o ar do resto da casa, e à volta da ombreira uma tira de pano branco pregada, a vedar. Junto dela, na parede, havia uma bacia de madeira sobre um pé, com água e um sabão cinzento, uma pilha de panos brancos

dobrados e uma tábua com cinco ganchos. Dos ganchos pendiam casacos de trabalho, brancos, com um nome bordado a linha azul à altura do peito.

E havia um banco, e no banco o rapaz, com um tabuleiro de panos no colo.

Levantou-se de um salto. O tabuleiro foi com ele, os panos voaram, o banco caiu para trás com um estrondo que soou mais alto na estreiteza do corredor do que numa catedral, e o rapaz ficou de pé a olhar para os panos espalhados no chão molhado como quem olha para um acidente de que é, ao mesmo tempo, autor e testemunha.

— Haruka-san.

— Daichi.

— Eu… — Baixou-se para os panos, pensou melhor, endireitou-se. Deixou-os no chão. — Bom dia outra vez.

— Bom dia outra vez. Venho ver a sala.

Não houve nenhuma transição. Ele colocou-se à frente da porta. Não era um bloqueio, não tinha a largura para isso; era uma declaração de intenções feita com o corpo, de ombros encolhidos, a postura de quem segura uma porta que ninguém tentou abrir ainda.

— Hoje é a minha vez da porta — disse, como se isso explicasse.

— Da porta.

— Alguém tem de ficar. Para os panos. E para… — Fez um gesto vago com as duas mãos, que abrangia o corredor, a bacia, a casa e talvez a história inteira da cervejaria. — Para saber quem entra.

— E quem entra?

— Quem está escalado.

Haruka lembrou-se da folha na cozinha, das colunas feitas à régua, do seu próprio nome enfiado no fim como um hóspede sem cama.

— Eu estou na escala.

O rapaz fez a cara de quem foi apanhado a ser sincero de mais.

— Está. A lápis. Quer dizer… — emendou depressa — está, Haruka-san, está, mas ainda sem turno.

— E sem turno não entro.

— Sem turno não está escalada.

— Sou filha do dono.

— Sim.

— Sou herdeira da casa.

— Sim, sim.

— Então a sala é minha.

Daichi abriu a boca, fechou-a, e pareceu fazer um esforço físico para encontrar a resposta honesta num sítio onde ela estaria menos magoada.

— A sala é do mestre — disse por fim, muito baixo, a pedir desculpa a cada sílaba.

Haruka tinha sido, durante oito anos, a pessoa a quem ninguém dizia que não. Não por poder, mas por método. Sabia como se pedia uma coisa de maneira a que a resposta fosse sim, e sabia, sobretudo, como se esperava por ela: de pé, sem pressa, com os documentos na mão. Pousou o casaco no banco, que o rapaz entretanto endireitara sem dar por isso, e fez o que sabia fazer.

— Vamos por partes. Há alguma regra que diga que eu não posso entrar?

— Há uma regra de que só entra quem está escalado.

— Está escrita?

— Está.

— Onde?

Ele hesitou.

— Numa tábua. Na parede da sala.

— Dentro.

— Dentro.

— Então para ler a regra que me proíbe de entrar eu tenho de entrar.

— É… — Pensou. — É assim que é, Haruka-san.

— E quem a escreveu?

— O mestre.

— O mestre escreveu a tábua?

— Não. Já lá estava.

— Quem a escreveu, então?

— O mestre antigo.

— E o mestre antigo, quem…

— Nunca perguntei.

— Nunca perguntaste.

— Não se pergunta — disse Daichi, e a frase saiu-lhe com tal naturalidade, tão limpa de qualquer ideia de proibição, que Haruka percebeu que ele a dizia como se diz que a água é molhada.

Ficou a olhar para ele. Era um rapaz de vinte e dois anos com um pano atado na cabeça e as orelhas vermelhas do calor, que lhe falava com um respeito tão genuíno que não podia ser atacado. Era isso o pior de tudo. Tinha vindo preparada para um obstáculo, e dera com uma pessoa.

— Eu lavo as mãos — ofereceu. — Mudo de roupa. Uso um desses casacos. Prometo não tocar em nada.

— Não é por causa das mãos.

— Então é por causa de quê?

— É por causa de…

Não acabou. Os olhos dele foram para a tábua dos ganchos, depois para as próprias botas, e Haruka seguiu-os, porque se os olhos de uma pessoa lhe dizem onde olhar, é mais económico olhar.

Cinco casacos. Cinco nomes bordados a linha azul, com a letra torta e aplicada de quem borda por obrigação e com amor. Leu os que pôde: o do Daichi, num casaco novo, ainda com o vinco da loja; dois que não conhecia; o do mestre, com os carateres do apelido, tão gasto que o azul passara a cinza; e o último. O último era mais fino do que os outros, mais pequeno, com a gola amolecida pelo uso e os cotovelos desbotados de um branco para outro branco, e o nome bordado era o da irmã.

Era o casaco mais usado dos cinco. Era, de longe, o mais usado.

— A Fuyumi entra — disse Haruka.

— A Fuyumi-san entra — respondeu Daichi depressa de mais.

— Porquê?

— Porque… entra.

E aí tinha-o, a resposta que ele não podia dar, desenhada na própria rapidez. Haruka sentiu qualquer coisa deslocar-se dentro dela, uma peça pequena, que não chegou a cair nem a encaixar noutro sítio, mas que ficou instável, como um copo à beira da mesa.

Alguém parou no corredor atrás deles.

Era um dos homens da casa do vapor, o mais velho, o dos olhos que diziam *seja bem-vinda*. Trazia um balde de madeira e ia a caminho de outra coisa, e ficou ali, parado, a olhar para a cena com o interesse neutro de quem passou muitas vezes por situações parecidas.

— Na casa onde trabalhei antes — disse, dirigindo-se a ninguém em particular — entrava quem lavasse as mãos, e pronto.

— Aqui não é lá — disse Daichi, quase em pânico.

— Pois não — concordou o homem, sem se ofender, e voltou-se para Haruka com uma inclinação da cabeça que tinha qualquer coisa de desculpa e qualquer coisa de conselho. — Não leve a mal. O rapaz cumpre.

E foi-se embora com o balde. Não explicou nada. Haruka percebeu, sem ressentimento e com algum espanto, que era aquilo que o homem queria dizer: que havia casas onde se fazia assim e casas onde se fazia assado, e que esta era esta. Ninguém ali lhe tinha dito que não podia por ser mulher. Ninguém lhe

tinha dito sequer que não podia. Diziam-lhe que a sala era do mestre, e que o mestre era o mestre, e deixavam o resto por conta dela.

Foi nesse momento que o corredor mudou de pressão.

Não houve ruído. Foi como quando se abre uma porta numa casa fechada e se sente a corrente antes de se perceber de onde vem. Daichi endireitou-se de uma só vez, como um fio puxado de cima, e deixou de olhar para as botas.

O homem que vinha pelo corredor era mais pequeno do que Haruka se lembrava.

Tudo o era, naquela propriedade, e começava a ser cansativo. Lembrava-se dele como uma altura, um par de ombros por cima de uma cuba, uma sombra a que se chamava mestre e que cheirava a arroz cozido e a castanha. Tinha-o visto poucas vezes de perto. Nunca lhe falara, nem ele a ela; as crianças daquela casa aprendiam cedo que a sala dos fundos era do pai e que a casa do vapor era de Genzō, e que se atravessava esta última de olhos baixos, a correr, como se atravessa um corredor de hospital.

Agora era um velho. Setenta e um anos, já o sabia, mas saber não preparava para o corpo, que era seco e direito e pouco maior do que ela, com os antebraços desproporcionados e as mãos compridas e pálidas e enrugadas de água, como as de quem as passou a vida dentro de coisas húmidas. Tinha o cabelo cortado rente, quase branco. Caminhava pousando primeiro o calcanhar, sem som, e o fato de trabalho, de pano grosso, era azul-cinza de tanta água e tanto sabão.

Parou a dois passos. Não a olhou logo. Olhou primeiro para o chão, onde os panos de Daichi continuavam espalhados, e depois para o próprio Daichi, que fez uma vénia a noventa graus e ficou nela. E só depois, com a lentidão de quem se limita a verificar uma medição, olhou para Haruka.

Viu o rosto dela, o casaco ao lado, a camisola. Viu os pés. Os olhos desceram até aos chinelos azuis e ao calcanhar de fora, que continuava a tocar o chão, e ali, durante um segundo ou dois, ficaram.

Haruka curvou-se, a fundo, com uma dobra que tinha aprendido no primeiro mês de trabalho e usado todos os dias durante vinte anos diante de homens a quem não devia nada. Quando se endireitou, ele devolvera-lhe um quarto de inclinação, um gesto que se podia medir com um transferidor, e estava já a olhar para a porta.

— Daichi — disse. Foi a única palavra, e dirigiu-a ao rapaz, e não precisou de mais.

Foi à bacia. Lavou as mãos devagar, dos pulsos às pontas dos dedos, com o sabão cinzento, uma vez, duas, entre os dedos, à volta das unhas, como quem faz uma conta de cabeça. Secou-as num pano. Tirou do gancho do meio o

casaco que tinha o seu nome, o mais gasto depois de um, e vestiu-o, e abotoou-o de cima para baixo. Haruka, a dois passos, percebeu que assistia a uma coisa que não lhe era mostrada: ninguém a convidara a ver, e ninguém, também, a mandara embora.

Daichi arrancou-se da vénia e correu a abrir a porta, a tira de pano branco da ombreira abriu-se com um ruído de beijo, e o mestre entrou.

Haruka viu, durante o tempo exato em que a porta ficou aberta, uma coisa que não esperava: calor. Um calor de outra natureza, mais denso e mais escuro do que o da casa do vapor, um calor que se podia sentir na pele a dois passos como um animal respirando. Vislumbrou prateleiras de madeira, muitas, até ao teto, tabuleiros cobertos por panos, uma luz baixa e amarela, e na parede do fundo uma tábua escura com carateres brancos que, de onde estava, eram só uma fila de riscos. Cheirava a castanha assada e a pão e a qualquer coisa acre por baixo que lhe ficou na língua. Depois a porta fechou-se, a tira de pano colou-se de novo à ombreira, e o corredor ficou outra vez com o seu ar de corredor.

Ficaram os dois ali. Daichi respirava como se tivesse corrido.

— Perdoe-me — disse, finalmente.

— Não faz mal.

— O mestre não gosta que…

— Eu sei.

Não sabia. Mas era a frase certa, e o rapaz agradeceu-a com o olhar, que nele era um órgão mais eloquente do que a boca. Apanhou os panos do chão um a um, dobrou-os outra vez, sacudiu o tabuleiro. Haruka olhou para o gancho do meio, agora vazio, onde estivera o casaco do mestre, o segundo mais gasto. O primeiro era o de Fuyumi.

— Quem manda aqui, Daichi?

Ele não levantou a cabeça.

— O mestre — disse. — E a Fuyumi-san.

— E eu?

Não respondeu. Era uma resposta inteira, que cabia nos dedos a dobrar o pano, e Haruka aceitou-a como se aceita uma conta em que ninguém se enganou.

Podia ter ido embora. Pensou nisso, com o casaco ao colo, sentada no banco que o rapaz lhe oferecera com as duas mãos. Podia ter ido à procura da irmã, ao gabinete, e travado a mesma conversa com uma pessoa que não pedisse desculpa. Podia ter ido para o quarto, ligar ao número que lhe tinha ligado duas vezes. Mas ficou. Tinha, afinal, um plano, e só o descobriu ao sentá-lo: o

mestre sairia da sala, mais cedo ou mais tarde, e quando saísse ela estaria no corredor, e perguntar-lhe-ia, de pé, na frente dele, com a pergunta inteira e sem pedir desculpa a cada sílaba.

Esperou.

Esperar naquele corredor era uma ciência. O calor subia pelas pernas, mansamente, e vinha-lhe dos dois lados, da casa do vapor e da porta. Ouvia-se a caldeira, a respiração do cesto, o pingar regular da bacia. Dentro da sala passos, às vezes um ruído de madeira contra madeira, uma voz baixa, nunca duas. O tempo, ali, andava a outro ritmo; passou meia hora, ou uma, e Haruka começou a distinguir os sons pela temperatura. Daichi, sem saber se devia ficar de pé ou sentar-se, acabou por se sentar no chão, de costas para a parede, com o tabuleiro de panos nos joelhos, e os dois ficaram assim, ela no banco e ele no chão, a ouvir uma porta fechada.

Quando eram pequenas, ela e Fuyumi tinham jogado àquilo: encostar a orelha à madeira, uma de cada lado da ombreira, para ouvir a sala. Diziam que se ouvia o fermento a respirar. Não se ouvia nada, claro, só o calor e o próprio sangue, mas Haruka tinha dez anos e aborrecia-se depressa, e ao fim de uma tarde largou o jogo para ir ao mercado atrás de um gelado. Quando voltou, Fuyumi continuava no mesmo sítio, com a orelha na porta e os olhos fechados, a escutar o que quer que fosse. Disse-lhe *shh*. Haruka nunca se lembrara disto, e lembrava-se agora, sentada no mesmo corredor, sem esforço, de uma coisa que passara quase trinta anos sem lhe fazer falta. Incomodou-a mais o facto de se lembrar do que a própria lembrança.

Preparou a pergunta. Era isso que lhe levava o tempo e ela não o previra. Como se chamava um homem de setenta e um anos que nunca lhe falara e de quem ela, em certo sentido, dependia? *Ōtsuka-san* era respeito de mais para um homem que a vira nascer; *Genzō-san* era uma intimidade que ela não tinha; *mestre* era o que diziam os outros, e dizê-lo seria aceitar que também ela estava abaixo dele, o que, de uma certa maneira, era verdade, e de outra, a sua mais velha teimosia. Tinha três maneiras de lhe chamar e nenhuma lhe pertencia. Ensaiou-as em voz baixa, uma a uma, como quem prova casacos.

A porta abriu-se sem aviso.

Saiu o mestre, a desabotoar o casaco, uma gota de suor a descer-lhe da fronte rente ao cabelo branco. Cheirava ainda a castanha. Pendurou o casaco no gancho do meio sem olhar para ele, como se pendura o que se pendurou mil vezes. Haruka levantou-se de um salto, com o casaco a cair-lhe do colo, a pergunta inteira, de pé, na frente dele.

Ele passou.

Passou como passa um comboio diante de quem esperava na plataforma errada. Não a empurrou nem a evitou, nem sequer abrandou. Os olhos dele, que ela tinha visto descerem uma vez até aos chinelos, estavam agora fixos no corredor, no ralo, na casa do vapor, no fim do dia, e Haruka, que tinha três nomes na boca, não disse nenhum. Quando percebeu que não ia dizer, ele já tinha virado a esquina.

Ficou de pé com a pergunta na boca. Era uma pergunta bem feita, e não tinha a quem ser entregue.

— O mestre não gosta de ser interrompido durante a preparação — disse Daichi, ainda do chão. Estava a tentar consolá-la e fazia-o com tanta aplicação que lhe doeu mais do que se tivesse rido. — Não é nada pessoal, Haruka-san. É assim com todos.

— Com todos, menos com a Fuyumi.

Ele não respondeu a isto, nem ela esperara. Apanhou o casaco do chão, sacudiu-o, e olhou para os ganchos, para os cinco nomes, para o último, para o gasto do último. Alguém bordara aquelas letras a linha azul numa casa a que Haruka não sabia dar nome.

— Se quiser fazer alguma coisa — disse Daichi, devagar, como quem experimenta uma possibilidade num terreno incerto —, há o arroz para lavar. O do ensaio. Ninguém gosta.

— Ninguém gosta.

— É de manhã, e a água está fria, e…

— Eu lavo.

Ele levantou-se, surpreendido, e ela notou, com uma pontinha de satisfação que não sabia onde arrumar, que o tinha desarmado com a única coisa que ele não esperava: um sim.

— Mostras-me onde?

— Mostro. Claro que mostro. — E depois, um pouco atrapalhado, aflito de repente com o próprio entusiasmo: — Os sapatos… quer dizer, os chinelos. Há botas. No armazém. De outros números.

Haruka olhou para o calcanhar de fora, e pela primeira vez desde que chegara à propriedade sentiu a boca ir-lhe para um sítio que não era nem raiva nem mágoa. Não sorriu. Quase.

— Sim — disse. — Há outros números.

Seguiu-o. Levava o casaco ao braço, o calcanhar de fora e um nome a lápis numa folha na cozinha. Era um começo, de certo modo. Começava-se por onde havia lugar.

4

Lavar o arroz

.

As botas de borracha que Daichi foi buscar ao armazém eram dois números acima dos pés de Haruka, e foi assim, a nadar dentro delas, que ela descobriu a utilidade das meias que trouxera de Tóquio. Calçou duas, uma por cima da outra. Ficou com o pé a fazer, dentro da bota, um barulho de badalo a cada passo, mas ficou calçada, e por um momento isso pareceu-lhe uma vitória suficiente para o dia. Atravessou o armazém atrás de Daichi com o andar de um pato de cerimónia, e os três homens das cubas, que não olharam, olharam. Ela fingiu não ver. Eles fingiram não ter visto. Foi o primeiro entendimento cordial que a casa lhe concedeu.

O lavadouro ficava do outro lado do armazém, num anexo baixo de cimento alisado, com o chão em declive para um ralo central e uma janela alta por onde entrava a luz crua da manhã. Ao longo da parede corria um tanque de pedra, comprido e raso, com três torneiras de latão abertas num fio constante, e a água que delas saía vinha do poço e vinha fria como uma ofensa. Havia cestos de bambu empilhados num canto, de trama apertada, e uma prateleira com um relógio de cozinha, uma balança, e um caderno de capa preta preso por um cordel.

Os sacos estavam encostados à parede. Eram os mesmos que ela vira na véspera, com as etiquetas de papel, e desta vez teve tempo de as ler. Uma letra de homem, desenhada a pincel, dava o peso, a data, o campo. Num deles, o nome do campo era o apelido de um rapaz da sua turma, um que ela julgava ter ido embora como os outros, e que afinal herdara a terra do pai e a entregava agora, saco a saco, à casa dela. Ficou a olhar para o nome mais tempo do que a leitura exigia. Havia gente que ficara, e que tinha o nome escrito num papel pendurado num saco.

— Mãos — disse o homem mais velho.

Estava à porta do lavadouro, com um cesto debaixo do braço. Tinha uns sessenta e tal anos, o rosto curtido e quadrado de quem trabalha ao ar livre e agora trabalha à sombra, e a boca de quem poupa palavras. Haruka estendeu as mãos. Ele olhou para elas durante um tempo que ela achou

desproporcionado, com a seriedade de um perito a avaliar um quadro de que suspeita.

— Mãos de escritório.

— Sim.

— Dá-se. — Fez um gesto com o queixo. — O relógio.

Haruka olhou para as próprias mãos. Havia meses que eram de escritório só de nome.

Ela olhou para o pulso. Tinha esquecido que o usava. Era um relógio sóbrio, de pulseira de aço, comprado no segundo ano de trabalho para ter à mão a hora exata de cada reunião, e nunca estivera longe do pulso por mais de um duche. Desapertou-o. Por baixo, a pele tinha uma faixa pálida, mais clara do que o resto, uma pulseira de sombra, e Haruka teve a sensação, incómoda e quase indecente, de se despir diante de gente.

— Pousa ali.

Pousou-o na prateleira, ao lado do relógio de cozinha. Eram duas máquinas de medir o tempo, lado a lado, e a dela era de longe a mais cara e a menos útil.

— Sakai — disse o homem.

Foi a primeira vez, naquela propriedade, que alguém lhe dizia o próprio nome sem ela ter perguntado. Haruka curvou-se. Ele aceitou a vénia com um aceno e foi buscar o primeiro saco.

— O que viu a cozer de manhã foi para acordar a caldeira — disse Daichi, a um canto, a atar um avental de plástico à volta da cintura. Falava baixo, como se estivesse numa igreja. — Era arroz velho, de um saco que sobrou do ano passado, só para a caldeira e o cesto acordarem. Não é para ninguém. Este é o do ensaio do arroz novo. É a primeira vez que se lava.

— Para quê um ensaio, se vai ser tudo lavado outra vez na safra?

Daichi olhou para Sakai, que olhou para o saco, que ninguém consultou.

— Para saber como o arroz se porta — disse Sakai, finalmente. — Cada ano é diferente. A chuva, o sol. Este ano choveu pouco. Sai duro.

Era a mesma frase do motorista. Haruka ouviu-a de outro modo desta vez, e percebeu que o que parecera conversa de circunstância era também, e sobretudo, um relatório.

O arroz era branco como não há nada branco. Quando Sakai abriu o saco e despejou a primeira medida no cesto de bambu, ela viu os grãos e não reconheceu aquilo como arroz. Eram pequenos, mais pequenos do que um grão tem direito a ser, redondos, translúcidos nas pontas, polidos até perderem tudo o que não era coração. Cada um era uma conta. Pareciam coisa que se fazia de